
FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

Mestrado de Vitimização e Maus Tratos na Criança e Adolescente

ADOLESCÊNCIA
- LUTO E AUTONOMIA -

Alexandra Sofia Santos Silva

MESTRADO COORDENADO POR: Prof. Dr.^a Luísa Branco Vicente

Outubro 2007

Ao pensar-se a adolescência como um tempo e espaço em que o sujeito interroga a sua consistência e a do outro, momento em que desenvolve um sintoma, a par e passo com o alargamento e descoberta do grupo de pares, tornando-se o grupo fundamental, questiona-se quais serão as consequências no acto de educar?

Áries (1986) pensa a adolescência como um fenómeno recente, que surge nos finais do século XIX, pois até então, a criança passava directamente para a fase adulta não existindo um período de transição do desenvolvimento psicológico/emocional. O autor considera que no século XVIII dá-se início do ponto de vista epistemológico a uma ruptura das concepções vigentes, que pressupõem o nascimento da escola, representando as primeiras luzes do conceito de adolescência. A partir do século XVIII passa-se então a associar adolescência e perigo, ideia, que persiste até aos dias de hoje.

Uma das questões mais relevantes por parte do educador, é inevitavelmente a indisciplina e violência do adolescente contra si mesmo e o outro. Os adolescentes são sentidos pela sociedade como transgressores e opositores. Para alguns, são os consumos e condutas sob o primado do agir, para outros, a falta de regras e disciplina, ou ainda para outros, o isolamento, solidão e desespero. Para Marques (1999) a relação entre a adolescência e a transgressão de limites internos e externos é inevitável e estruturante para o jovem, pois, pode ser olhada como um elemento obrigatório e necessário para o desenvolvimento, crescimento e processo de aquisição de novas formas de socialização.

Do ponto de vista do docente e da família, o jovem adolescente deixou de respeitar as regras da escola e não reconhece o lugar do professor enquanto figura de saber. Esta transmissão de conhecimentos, hoje, – nas sociedades pós-modernas -, apresenta-se comprometida face às inúmeras fontes de informação e conhecimento que são apresentadas. As alterações e

transformações com que nos deparamos levantam questões como: Haverá uma especificidade na educação dos adolescentes? Qual seria a melhor posição por parte do corpo docente com os jovens? E a função da escola, será que é a mais adequada? A educação poderá evitar por um lado, e ser eficaz por outro, contra a formação de jovens em risco?

Do nosso ponto de vista estas e muitas outras questões deveriam ser levantadas, pensadas e reflectidas junto das escolas e famílias, como talvez, “jogar o jogo da adolescência”, isto é, ocupar diferentes lugares face à demanda do adolescente, - lugar de adulto, de cúmplice e de mestre - (Rassial, 1999), tendo por base uma dinâmica da compressão das transformações e necessidades que se iniciam na puberdade, transformações estas, que muitos pais e professores não acompanham.

Rassial (1992) considera a adolescência como um momento lógico da construção do sintoma. O adolescente ao fabricar o sintoma elabora a passagem do pai edípico para o grupo social, onde espera encontrar outras figuras de referência, abandonando os objectos primários. Procede à saída do auto-erotismo para uma posição sexuada com o outro. Esta passagem vem garantir um estado de estrutura que garante a travessia pela e na adolescência não a partir de um sintoma fixo como no adulto, mas com contradições que oscilam entre si, representando ainda a fragilidade da estrutura adolescente. O facto de o sintoma na adolescência se apresentar como social e sexual, definindo um estado de uma estrutura no seu desenvolvimento, permite diferencia-lo das manifestações psicopatológicas da criança e adulto. Um sintoma grave na adolescência questiona não apenas os princípios da estrutura familiar, como os sociais.

Também Matos (2002) diz que a juventude é um período de consolidação da identidade com um fundo definido de ser sexuada e social com um corpo bem delimitado, uma função biológica específica e uma intencionalidade transformadora do meio envolvente. O autor pensa a identidade como um centro

dinâmico de vivências, do pensamento e acção, no qual habita o núcleo da psicopatologia da juventude. A identidade constrói-se na oscilação entre o investimento objectal e narcísico, na aproximação com o par e assimilação das qualidades do mesmo, assim como, no contraste e na afirmação de si, percurso este, por vezes turbulento e árduo repleto de acidentes emocionais que deixam marcas e onde muitos dos jovens se afundam, perdem o rumo e desenvolvem condutas bizarras, retirada do real, confusão de identidade e falso Self. O encontro com referências válidas de identificação permite aos jovens um amplo leque de possibilidades e o florescer da sua personalidade com uma abertura relacional estável do mundo circundante.

No período crucial da adolescência em que o jovem do ponto de vista do psiquismo faz uma distribuição económica do investimento narcísico e objectal, coloca-se a problemática do luto dos imagos parentais e da mudança de objectos e definição de objectivos. De acordo com Matos (2002) neste período de crise, o jovem revive o conflito pré-genital e a dependência infantil num processo regressivo. Assim, a adolescência poderá ser um período de risco e de psicopatologia, ou de criatividade e consolidação do ser, factores dependentes do meio e das figuras de referência onde nasceu.

“... A adolescência na relação com o mundo dos adultos – pais, educadores... -, impõem a passagem da atracção do espelho de Narciso, o que deslumbra e cativa no duplo sentido de seduzir e dominar, à atracção do espelho de Dionísio, o que dispersa, descentra, pulveriza e dissolve, para no final reunir. Só no final deste processo, haverá a reunião e conciliação de uns e outros” (Marques, 1999, pp.253).

Numa primeira fase, dá-se a fragilidade do Ego face ao aumento da tensão pulsional, onde se destaca a construção das instâncias ideais, depois a reactivação da separação com a criação da autonomia em relação às figuras parentais, tarefas estas, concebidas como uma reactivação do conflito edipiano, ou, encontrando-se ligadas ao processo de luto em que o jovem se encontra, e

por fim, o estar atento às transformações ocorridas, nomeadamente novos actos criativos, novas estruturas e novas qualidades de relação de objecto. Estas noções de transição da infância para a adulticia são descritas como ocorrendo numa lógica de colisão, ruptura, desestabilização ou descontinuidade (Marques, 1999).

As próprias sociedades criam dificuldades em criar um dos espaços mais importantes para o jovem adolescente – o movimento de separação e individuação – espaço este, que permite a expansão e socialização, e que constitui um dos principais problemas com que os jovens de hoje se confrontam.

Winnicott (1975), refere que a adolescência é um período de descoberta que deve ser vivido, que a adolescência compromete a experiência de viver e existir, cuja solução vem com o passar do tempo, pois este, possibilita a maturação gradual experienciando as suas vivências com as relações e com o meio, devendo o mesmo, “desempenhar um papel suficientemente bom”, o qual seja potenciador da autonomia para que o jovem construa e constitua uma identidade coerente.

Por sua vez também Fleming (1993) aborda a problemática da adolescência, reforçando que o desenvolvimento do jovem pressupõe sempre a ligação e integração dos movimentos de separação e individuação com a vinculação, dando ênfase ao carácter essencialmente relacional da adolescência. Assim, é um processo de transição da dependência e vulnerabilidade para a autonomia e auto governo que deverá ser conquistado e experienciado, assim como, fomentado pela família. O período da adolescência é então um período em que novos elementos devem ser acrescentados às relações, levando à construção da identidade e da autonomia e à criação de uma auto-imagem diferenciada. A autonomia é vista como um processo de conquista representado nas relações com a individuação, separação e formação de identidade, sendo a autonomia um aspecto do processo psíquico de separação-individuação. Para a autora é um processo relacional que envolve mudanças internas na relação com as

primeiras figuras de referência, descobrindo o adolescente novos pares, aos quais se liga, não constituindo um ataque ao vínculo parental, mas sim à autoridade parental.

Para Erikson (1972), a formação e constituição da identidade é uma consequência do desenvolvimento de experiências passadas e presentes que se constituem e organizam-se num todo. De acordo com a teoria psicossocial do desenvolvimento, Erickson postula que a personalidade desenvolve-se de acordo com uma sequência de estádios, cada um caracterizado por uma crise normativa ou conflito dominante. O conflito quando resolvido, possibilita que o adolescente avance com mais ou menos maturidade – dependente dos seus tempos e espaços internos – para tarefas de estádios seguintes.

O conflito dominante no período adolescente seria então a *formação de identidade vs. difusão de identidade*. Todo o conteúdo das crises adolescentes seria integrado e acompanhado de um sentimento distinto e diferente das figuras parentais. Assim, segundo o pensamento de Erikson o processo de formação de identidade constitui-se pela integração das identificações da infância precoce com aspectos psicológicos e psicossociais, liquidando a aquisição de identidade do ego as necessidades de desenvolvimento de novas identificações. No entanto ao longo do ciclo da vida, o homem ingressa em novas crises que fomentam o desenvolvimento.

A procura de identidade tem como consequência a rejeição e revolta do jovem em relação aos pais, como se, o adolescente ao rejeitar as figuras parentais se libertasse das mesmas, das identificações infantis e do controlo e autoridade parentais. Sublinha-se que para Erikson a formação de identidade só é possível com a existência de movimentos concomitantes, harmónicos, de separação psicológica interna e distância física dos pais, representados por comportamentos autónomos, de descoberta e experimentação. Assim, a identidade é uma consequência das experiências psicossociais e de diferenciação ao longo da vida. A adolescência é então um espaço e tempo

psíquicos comuns a um período do ciclo vital, marcados pelo desequilíbrio e turbulência que constituem a essência para a construção de outros e novos equilíbrios, integrações e criações de realidades e objectos.

É a mudança na relação com as figura parentais, que exprime a necessidade do adolescente em desinvestir as imagos dos primeiros objectos de amor e da identificação edipiana, tornando-se necessário a conquista e investimento em novos objectos. Este trabalho a realizar, será então um trabalho de luto e simultaneamente de transformação.

Dias e Vicente (1984) ao retomarem as questões do luto na adolescência, sublinham antes de mais, a emergência do pulsional, a reactivação do Édipo e da angústia de castração, referindo que, estes podem ser considerados como *analogon* dos processos do funcionamento do psiquismo que conduzem à ansiedade e angústia. Desta forma a perda dos objectos infantis e o processo de luto será vista como uma depressão normal.

A adolescência é um período que se constitui por importantes modificações do funcionamento do psiquismo. Traduz-se pela tendência ao acting - resultado do tipo de pensamento típico da fase adolescentil -, perturbações do comportamento – consumos, furtos, delitos – que devem ser olhadas como fazendo parte do desenvolvimento, não assumindo necessariamente um carácter patológico, mas sim sintomático de uma crise psicológica do desenvolvimento (Dias e Vicente, 1984).

O autor pústula a obrigatoriedade de cinco lutos diferentes inerentes ao desenvolvimento adolescente: o luto pela fonte de segurança, que representa o primeiro momento da depressão face a novas exigências do processo de desenvolvimento, constituindo-se pelo luto do refugio materno não desejado pelo jovem, mas imposto e sentido como um abandono por parte do mesmo. Este luto é agravado pelo sentimento de culpa. O adolescente sente que fere a imago materno. A mãe aqui terá um papel determinante no alívio ou reforço da culpabilidade. O modo de compensar este luto é o deslocamento do

investimento da imago materna sobre um outro, encontrando assim um compromisso entre a perda do elemento protector e a autonomização; o luto renovado do objecto edipiano, representado pelo desinvestimento dos aspectos edipianos na presença dos pais. É um luto de um investimento que reenvia à noção de afecto depressivo tornando possível um reinvestimento de uma nova relação interna e externa com os objectos parentais; O luto pelo ideal do Eu em que o adolescente desidealiza os pais através do processo de crescimento e autonomização. A idealização e onipotência constituem as fontes de ideal do Eu na adolescência; O luto pela bissexualidade, vivida pelas identificações na infância, dá lugar na adolescência à escolha de um novo objecto de amor como um verdadeiro organizador do psiquismo; e o luto pelo grupo, como determinante na escolha de objecto exogâmico representativo da capacidade em estar só.

Estes cinco lutos são representativos de quanto a adolescência é o período do ciclo de vida em que o psiquismo opera as mudanças mais importantes que levam consigo profundos sentimentos de perda gerando afectos depressivos.

Também anteriormente Freud (1917/1968) pensa que é o luto que leva o Ego a renunciar o objecto, declarando-o como morto, podendo o Ego então saborear a satisfação de se reconhecer e considerar como melhor e superior.

Já Salgueiro (1990) pústula que as figuras de referência nunca desaparecem, ou antes revitalizam-se, perdendo superficialmente significado, com a entrada de novos objectos de amor e simultaneamente figuras de identificação, que ganham espessura e corpo ajudando a remodelar os objectos primordiais. Para o autor o adolescente não desinveste os pais, mas sim, substitui o amor pelo ódio ligado à desidealização sentida pelos pais. O amor pelos pais pode permanecer durante um período, sob a forma de ódio, o que facilita os investimentos em novas figuras de referência e amor.

Parece-nos fundamental olhar a adolescência como um período de desenvolvimento no qual se inscreve uma gradual maturação, que tem como

consequência alterações e transformações importantes no qual se joga a necessidade de negociar, reunir e integrar tendências diferentes e opostas, como a interrogação e angustia acerca da existência, da afirmação de si, reivindicando a necessidade de se viver como diferente, separado e autónomo. A difícil negociação e estabilização, bem como a união e integração entre a ligação, expansividade, retraimento, isolamento, afirmação e oposição, vulnerabilidade e dependência, entre as posições activas e passivas, masculinas e femininas e a necessidade em investir intensamente o mundo a par das pressões internas conduzem a uma desestabilização do sentimento de identidade em que o jovem sente grande dificuldade em obter gratificação dos objectos internos e externos. Assim a adolescência situa-se entre dois momentos, de um lado a dependência e a procura de protecção, e do outro, a autonomia e independência (Marques 1999).

Freud (1905) no ensaio sobre a teoria da sexualidade pensa a puberdade como o início das transformações da vida sexual infantil à adulta. É com esta transformação que a pulsão sexual auto erótica se coloca ao serviço da reprodução o que implica a escolha de um objecto que tem como consequência a separação dos pais e a reactivação do conflito edipiano, ou seja, quando o instinto sexual inicia as suas exigências o objecto incestuoso é retomado. Até a tarefa de separação se encontrar realizada, o adolescente não deixa de ser criança. O autor sublinhou a importância da permanência do objecto na adolescência e nomeou as defesas que surgem neste período. A tensão interior que advém do emergir pulsional e as exigências com que o jovem se confronta, em relação ao mundo que o rodeia, conduzem a um estado de diferenciação entre o Ego e o Id e à necessidade de novas relações que impõem novas modalidades defensivas adaptativas do novo período.

Blos (1962) dando continuidade ao pensamento de Mahler, diz que a adolescência é um processo de separação-individação, ou seja, um segundo processo de individuação que conduz à separação das figuras parentais no fim

da adolescência, à estabilidade e limites firmes do Eu e do objecto, e à criação do Ideal do Eu.

O autor vem definir a adolescência por sub-fases: **a pré-adolescência** dos 10 aos 12 anos, referindo que a pubescência é um acto da natureza, e a adolescência um acto do homem; **a adolescência inicial** entre os 13 e 15 anos, que representa o luto pelo corpo infantil, pelos pais da infância e pela bissexualidade; **a adolescência propriamente dita ou mediana** compreendida entre os 15 e 17 anos, representada pela separação dos laços objectais primários, que conduz à formação da identidade sexual; **o final da adolescência ou adolescência tardia** dos 17 aos 20 anos, que se constitui pela fase de consolidação, como a aquisição da autonomia e constância da identidade e **a pós-adolescência** representativa da moratória psicossocial de Erikson, o prolongamento do intervalo entre a juventude e a idade adulta, período durante o qual, o sujeito pela livre experimentação de papéis deverá encontrar um lugar na sociedade.

O processo adolescente, é então, um processo de desenvolvimento e integração, a soma de todas as tentativas de ajuste ao estágio da puberdade, à nova serie de condições interiores e exteriores, endógenas e exógenas, enfrentadas pelo jovem, que tem como finalidade a formação de carácter - o produto final das estruturas psíquicas – que deverá crescer de forma egossintónica com a ausência de conflito, pressupondo quatro condições: **a segunda fase de individuação, o traumatismo residual, a continuidade do Ego e a definição da identidade sexual**, (Blos 1967). O autor sublinha as perdas das dependências familiares e põem ênfase na mudança das relações objectais. Pústula que as mudanças no self e nas representações objectais desenvolvem-se numa continuidade relacional, contribuindo para estas transformações, os aspecto infantis presentes da relação. Após o abandono de carácter infantil, permanece uma continuidade da relação com o pai actual.

O esforço que o adolescente faz para se separar das dependências infantis, representa por vezes, movimentos internos de separação que de alguma forma impedem a verdadeira separação interna, nomeadamente, o afastamento físico, geográfico e moral. Blos (1962) vem introduzir o conceito de perda do Eu parental, o qual, até à adolescência funcionou como auxiliar do Eu infantil. Esta perda tem como consequência por a descoberto a estrutura egoica mais ou menos frágil, dependente de como ocorrera o primeiro processo de separação e individuação. O sucesso ou fracasso do processo de individuação no período adoescentil deverá em parte ser pensado, em função da organização defeituosa do Eu precoce.

Assim, o autor define a adolescência, como uma fase de consolidação representada pelo atingir da identidade, pela definição de uma identidade sexual como primado do genital, pela desidealização dos pais e uma maior autonomia do Eu que liberta o conflito, dessexualizando as relações e usando a sublimação. A pré-condição da evolução do processo de adolescência é uma passagem bem-sucedida pelo período de latência - período intermediário entre o primeiro florescimento da sexualidade infantil e a sexualidade genital *pubescente*. Blos considera que no final do período adoescentil surgem novas estruturas como resultado do processo de consolidação, passando este, pelo segundo declínio do Complexo de Édipo e elaboração do seu componente negativo – homossexual – surgindo a reconciliação com o pai do mesmo sexo.

Do ponto de vista clínico é importante observar como é que a adolescente investe a sua feminilidade e o rapaz se relaciona com o pai.

“ Na latência o escolar aprende, no jogo defensivo e ritualizado, de regras da vida social, treina a resistência às emoções e a destreza do corpo, exercita e erotiza os jogos intelectuais... Na juventude, segunda latência, surge um enorme leque de experiências maturativas: a experiência sexual... a saída da casa dos pais, a experiência do trabalho, a filiação ideológica, etc.” (Malmique & Queiroz, 1982, pp.6).

O prazer do funcionamento do Eu na latência dará lugar na adolescência, ao prazer genital desde o orgasmo ao investimento ideológico mais sublimado. O crescimento, desenvolvimento e maturidade do jovem, liga-se à forma como o adolescente desidealiza as figuras parentais, e com o luto de um narcisismo infantil. O ideal do Eu passa a ser o agente dinâmico da construção de identidade, a par e passo com o reconhecimento das potencialidades de cada um e da realidade, afastando-se mais das fantasias edípicas. No entanto, é comum neste período, o desenvolvimento da patologia do ideal do Eu – inibição, incapacidade de desenvolver relações heterossexuais, baixo rendimento escolar, isolamento -, que representa um Ideal do Eu megalómano, que do ponto de vista sintomático explica profundas inibições em relação a um imago castrador, assim como, se observam ideologias utópicas, e encontram-se jovens com um hiper investimento intelectual defendendo-se de entrar em contacto com outras experiências afectivas (Malmique & Queiroz, 1982).

A autonomia enquanto processo psicológico de separação – individuação, mais que uma necessidade, é uma conquista, um desejo de encontrar novos objectos de investimento, denuncia o desejo de conhecimento do diferente, no próprio e no outro. Opera no meio dos três vínculos pensados por Bion – L (Amor), H (Ódio), e K (Conhecimento) -, permitindo a passagem do Amor e Ódio - nas figuras parentais -, para o vínculo do conhecimento (K) (Fleming, 1993).

A incapacidade do jovem em se separar, encontra-se estritamente ligada à dependência, ou seja, na capacidade por parte dos pais em tolerar e motivar a separação psicológica dos filhos, e na qualidade emocional do vínculo que liga pais e filhos adolescentes. Na adolescência a existência de um vínculo seguro por parte do jovem aos pais, de uma relação na qual predomina o Amor e aceitação é fundamental.

O desenvolvimento psicológico é então concebido por duas linhas de desenvolvimento, a separação–individuação e a vinculação. A capacidade de o adolescente autonomizar-se e desenvolver novos vínculos, liga-se à qualidade

do vínculo materno, como motor e sustento do desenvolvimento psicológico, e construção de uma identidade única, separada e diferente dos primeiros objectos de amor, com capacidade para se tornar mais tarde, também ele - adolescente – numa figura de vinculação.

Referencias Bibliográficas

Áries, P. (1986). Para uma história da adolescência. *Alter-ego*, I, 5-16.

Blos, P.(1962). *Adolescência*. São Paulo: Martins Fontes

Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic study of the child*, Vol. 22, 162-186.

Dias & Vicente. (1984). *A depressão no adolescente*. Porto: Edições Afrontamento

Erikson, E. H. (1972). *Adolescence et crise. La quête de l'identité*. Flammarion, Paris.

Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia*. Porto: Edições Afrontamento

Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Edição Standard Brasileira, *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. 7. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho publicado em 1905).

Freud, S. (1917/1969). Luto e Melancolia. In Edição Standard Brasileira, *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. 18. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Marques, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o rorschach*. Lisboa: Climepsi

Matos, A. C. (2002). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi

Winnicott, D. W. (1975). *Jeu et réalité. L'espace potentiel*. Paris: Gallimard.

Rassial, J.J. (1999) *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Salgueiro, E. (1990). Breves reflexões sobre o narcisismo e o objecto estético na adolescência. *Revista da Sociedade Portuguesa de Psicanálise*, 8, 71-75.